

Sobre a mudez, o silêncio e a arte (de ser psiquiatra)

On muteness, silence and the art (of being a psychiatrist)

Paulo Oscar Teitelbaum

Psiquiatra, psicanalista. Editor, Rev Psiquiatria RS.



Clara Pechansky, "O espelho", gravura em metal, aguaforte e aguaforte, 24 x 30 cm, 1995, edição de 8 exemplares.

"As figuras obrigam à interrogação, ao questionamento. E o detalhe ubíquo e inquietador: a boca obliterada, dissipada como que por encanto. É então uma dupla mudez: o silêncio desta arte, feita em silêncio; e a mudez imposta por Clara Pechansky às suas figuras."*

A escolha da capa deste número da Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul representou um desafio especial. Este é o primeiro número de uma nova gestão, o que, por si só, é naturalmente um desafio. Mas mais do que isso, este é também um número que encerra um ciclo da nossa Revista e dá início a um novo, em um patamar mais sintonizado com os tempos atuais da

realidade editorial de publicações científicas. Trata-se, portanto, de um momento de reflexão, interrogações e questionamentos.

Este é o contexto no qual surge a idéia de buscar a figura que ilustra nossa capa na obra forte e esteticamente impactante da reconhecida artista plástica gaúcha Clara Pechansky.

A gravura *O Espelho*, de 1995, traz a marca do trabalho de Clara: as figuras sem boca, que transmitem tão intensamente a força inquietante do silêncio, descrita de forma precisa e igualmente forte pelas palavras de Scliar, ao falar sobre a obra da artista.

As figuras mudas (ou emudecidas) que habitam nossos pacientes e que são incapazes de se expressar de outra forma que não pela via do sintoma, são aquelas com as

* Moacyr Scliar, disponível em <http://www.pechansky.com.br/gravura1.html>, acesso em 12/07/2008.

quais nós, psiquiatras de todas as orientações teóricas, procuramos nos comunicar no dia-a-dia de nosso trabalho.

Encontrar essas figuras mudas, compreender seus anseios e seus impedimentos para, quando bem-sucedidos nessa empreitada, tentar dar-lhes voz para que se expressem de forma integrada e produtiva para nosso paciente – isso é o que fazemos quando interpretamos seu mundo interno ou quando prescrevemos uma medicação.

E, para podermos bem realizar tal tarefa, é fundamental que tenhamos a capacidade de trabalhar em silêncio ou, parafraseando Scliar sobre Clara, que saibamos utilizar o “silêncio desta (*nossa*) arte”. Nossos silêncios se contrapõem à mudez. O silêncio atento que busca conhecer; o silêncio inquieto que se identifica com o sofrimento do outro e sofre também; o silêncio reflexivo que, ao reconhecer e conter o sofrimento, aceitando o ainda não-conhecido, luta pela busca de um sentido; o silêncio integrador da compreensão, que gera em nossa mente uma interpretação ou uma decisão clínica.

Assim, à mudez das figuras internas do paciente deve corresponder a capacidade de silenciar do psiquiatra. Silenciar para ouvir; silenciar para sentir; silenciar para pensar; silenciar para, então, poder falar.

Penso que, deste encontro entre os nossos “silêncios”, tal como os descrevi, e as figuras emudecidas do mundo interno de nosso paciente, poderão emergir novas “vozes” que, ao encontrarem expressão para além do sintoma, enriquecerão seu funcionamento psíquico, disponibilizando capacidades e potencialidades antes emudecidas.

Para concluir essas breves reflexões, vale lembrar que *O Espelho*, de Clara, também nos inspira a pensar sobre a função de uma revista científica como instrumento de comunicação, que dá “voz” ao trabalho silencioso dos autores, permitindo assim a propagação de conhecimentos que reverterão em benefícios para nossos pacientes, objetivo final de nossa prática médica.